

O desespero dos mineiros

Belo Horizonte — É uma emoção muito grande. Não há nada igual, comparável". Com a voz seca, embargada, lágrimas nos olhos, feições contraídas, Aécio Neves Cunha, neto e secretário particular do presidente Tancredo Neves, foi o único membro da família que falou à entrada do Palácio da Liberdade, enquanto a banda do Regimento Regular de Cavalaria de Minas Gerais executava a marcha fúnebre, de Chopin, e os Dragões da Inconfidência levavam em passos largos o esquife do presidente Tancredo Neves para o interior do Palácio, pela última vez. Em torno da Praça da Liberdade, milhares de mineiros se despediam do seu filho mais ilustre cantando a todos pulmões o Hino Nacional. Bandeiras eram desfraldadas e do terraço de um prédio de quinze andares, próximo ao palácio, uma gigantesca faixa de pano preto dava o tom de luto do povo mineiro.

Dona Risoleta entrou abraçada com sua filha Inez Maria e não disse nada, tomada pela emoção. Apenas acenou algumas vezes para a multidão. Maria do Carmo e Tancredo Augusto entraram logo após no Palácio da Liberdade. O esquife do presidente Tancredo Neves, coberto com a bandeira nacional e a de Minas Gerais — "Libertas quae sera tamen" — era precedido por uma comissão política formada pelos ministros Ruben Bayma, do Gabinete Militar, José Hugo Castelo Branco, do Gabinete Civil; o governador Hélio Garcia, o ministro e o governador de Brasília, Ronaldo Costa Couto; e o líder do Governo na Câmara, deputado Pimenta da Veiga.

Esta penúltima etapa do cortejo fúnebre do presidente Tancredo Neves transcorreu com muita ordem e muita emoção. Os jornalistas mineiros calculam que cerca de um milhão e meio de pessoas acompanham o cortejo de 15 quilômetros desde o aeroporto da Pampulha até o Palácio da Liberdade. Em todo o percurso, a mesma emoção de São Paulo e Brasília: gente chorando, gritando, batendo palmas, balançando bandeiras,

entoando hinos cívicos relembrando a memória do presidente Tancredo Neves.

"É ao mesmo tempo o dia mais emocionante e triste da minha vida — confessou o governador Hélio Garcia. Isso é um atestado que o homem público tem um valor humano, um calor, um apoio popular. Sem gastar, sem jogar dinheiro na rua, levando uma vida honrada e honesta, para ter como resultado essa massa humana aplaudindo a mensagem do grande líder".

Ouvindo o povo gritar "o povo unido jamais será vencido", o ministro e governador de Brasília, Ronaldo Costa Couto, chorava copiosamente diante do cortejo e dizia:

"Isto é um caso de amo. Não é demagogia não. Nem eu nem Tancredo se afastou de Minas. Minas é terra da gente. Minas está no coração, onde está a raiz da gente. Minas é um caso de liberdade. É uma coisa muito bonita".

"Tem uma faixa ali em frente à Faculdade de Direito que me impressionou profundamente. Dizia: "Tancredo, você continua entre nós". "Você não morre nunca". É o carinho de todo o povo mineiro, uma voz única manifesta neste momento seu respeito pelo grande líder Tancredo Neves.

Aliás, faixas é que não faltaram no percurso de cortejo fúnebre: "Tancredo, o condutor do Brasil à Nova República", "Minas nasceu da luta pela liberdade", "Tancredo travessia para o Brasil livre".

Num emocionante apelo à multidão que cercou, ontem à tarde, o Palácio da Liberdade, D. Risoleta Neves impediu que a visitação pública ao corpo do ex-presidente Tancredo Neves se transformasse numa grande tragédia, quando centenas de pessoas já haviam arrombado os portões de ferro e a parede humana dos policiais começava a ceder, ela conseguiu, com sentimento e firmeza — lembrando o tom arrebatador e intimista dos antigos discursos do marido — evitar a invasão do Palácio da Liberdade, de conseqüências imprevisíveis.